LEITURA E MEMÓRIA DE IDOSOS: RESSIGNIFICANDO SUAS HISTÓRIAS

Eliana Carlota Mota Marques Lima[1]
Maria Helena da Rocha Besnosik[2]

É preciso começar a perder a memória, ainda que se trate de fragmentos desta, para perceber que é esta memória que faz toda a nossa vida. Uma vida sem memória não seria uma vida, assim como uma inteligência sem possibilidade de exprimir-se não seria uma inteligência. Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento. Sem ela, não somos nada.
Luis Buñuel

Introdução

Este artigo trata de um recorte da pesquisa que investiga as histórias de leituras dos idosos, imbricadas nas suas histórias de vida. A intenção é a valorização das suas memórias de leituras que certamente podem contribuir para a ampliação do estudo no campo da história cultural e da história da leitura. Os sujeitos participantes dessa pesquisa são idosos que integram a Oficina Memórias e Leituras vinculada ao Programa da Universidade Aberta à Terceira Idade - UATI.

O Programa da UATI da Universidade Estadual de Feira de Santana está cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão. Foi criado em 1992 e vem desenvolvendo diversas atividades com intuito de despertar a comunidade para as questões relativas ao envelhecimento. A oficina Memórias e Leitura tem como objetivos: utilizar a leitura como instrumento de reativação da memória; valorizar as histórias de vida dos indivíduos da terceira idade; incentivar o prazer pela leitura; possibilitar aos sujeitos envolvidos o resgate de memórias, vivências, experiências de vida; e oportunizar momentos de integração entre os alunos.

A partir do nosso contato com a oficina acima referida, sentimos a necessidade de buscar conhecer mais como esses idosos se relacionam com a leitura, como foi o seu processo de formação leitora ao longo da sua vida. Assim, os colaboradores da pesquisa são idosos entre 70 e 90 anos das mais diversas classes sociais, econômica e étnicas.

A abordagem dessa pesquisa se caracterizou como qualitativa, o que permitiu a reflexão e a análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do tema em estudo no seu contexto histórico. Assim, adotamos a história de vida como metodologia que melhor se adequa à proposta dessa pesquisa.

A metodologia histórias de vida possibilitou a análise e compreensão do processo de ressignificação das práticas leitoras e das memórias dos idosos. Através desse recurso, foi possível alcançar os objetivos da pesquisa, pois, ao obter um relato dos participantes, tivemos a oportunidade de identificar e registrar as lembranças dos idosos, relacionando suas histórias de vida com suas memórias de leitura e assim traçar um perfil desses leitores, constatando seus variados modos de interação com a leitura em diferentes períodos de suas vidas.

Como instrumento metodológico, foi utilizada a entrevista narrativa possibilitando a livre expressão dos participantes, elemento fundamental para a interpretação da experiência vivida.

[1] Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, Brasil. *E-mail*: ecmmlima@gmail.com.
[2] Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, Brasil. *E-mail*: maria.besnosik@gmail.com.

Visando a assegurar o anonimato, foram emprestados aos idosos os nomes fictícios de Afrodite, Apolo, Atena, Eros e Morfeu respeitando, assim, a sua privacidade frente aos relatos e experiências pessoais revelados.

Contextualizando o campo teórico: por que a história cultural e a história da leitura

A escolha por este aporte teórico ancora na perspectiva de que a história cultural e mais especificamente a história da leitura fazem emergir sujeitos antes esquecidos na sociedade contemporânea.

De acordo com Peter Burke (2008), ainda não se obteve uma resposta satisfatória para definir história cultural, embora ela não seja uma descoberta ou invenção nova visto que a pergunta sobre o que é a história cultural foi feita em 1897 pelo alemão Karl Lamprecht. Mas é fato que a história cultural se ocupa com a pesquisa e a representação de determinada cultura em dados período e lugar.

Assim, o historiador Peter Burke (2008) constata que houve uma redefinição nos estudos históricos e nas abordagens e discussões teóricas, quando ocorreu a ascensão da história cultural, por intermédio da nova história cultural - NHC, na qual análises econômicas, políticas e sociais se aproximavam de termos e diagnósticos culturais. Assim, antigas questões foram reavaliadas sob novas designações, como "cultura da pobreza", "cultura do medo", "cultura das armas", etc.

A nova história cultural trouxe novos paradigmas, entre eles o de prática e representação, "a história das práticas religiosas e não da teologia, a história da fala e não da linguística, a história do experimento e não da teoria cientifica" (BURKE, 2008, p. 78). O conceito de prática foi utilizado em vários estudos como do consumo, colonialismo, linguagem, religião, renascimento e outros.

Já o conceito de representação, por sua vez, atingiu várias formas, entre elas literárias, visuais e mentais, e contribuiu para o estudo de múltiplos temas como música, memória e corpo. Graças à preocupação com as representações e as práticas, é que ocorreu uma guinada para a história das práticas cotidianas, que tem em uma das suas formas mais populares, a história da leitura.

A história da leitura tornou-se um campo de estudos muito profícuo a partir dos anos 1970, principalmente com a matriz da historiografia desenvolvida na França, da nova história cultural, em que se desenvolveu o interesse por novos objetos de estudo, novas abordagens e novos problemas para a História. Um desses novos "objetos" foi exatamente a "prática de leitura", isto é, como nas várias épocas da história humana a prática da leitura foi se transformando de acordo com a construção social de cada uma dessas épocas. Entre os novos focos estabelecidos, destacam-se o papel do leitor, mudanças nas práticas de leitura, nos "usos culturais" da imprensa, "recepção" das obras de literatura (BURKE, 2008, p. 82).

Na perspectiva da nova história cultural, a história da leitura tem por objetivo primordial compreender como as pessoas leram e deram sentido às mensagens existentes nos textos de diversas naturezas. Porém, a atividade da leitura é extremamente subjetiva e acessar o mundo dos leitores comuns e percorrer os caminhos das suas leituras é uma tarefa desafiadora, mas necessária, porque a historiografia tem demonstrado a relevância para os estudos históricos, da inserção do cotidiano das pessoas comuns nos acontecimentos do ponto de vista histórico.

Assim, o movimento da NHC e da história da leitura produziu efeito sobre a vida cotidiana de pessoas que eram consideradas à margem da sociedade. E "a narrativa retornou junto com a preocupação cada vez maior com as pessoas comuns e as maneiras pelas quais elas dão sentido às suas experiências, suas vidas, seus mundos" (BURKE, 2008, p. 158).

Diante disso, percebemos a caminhada leitora de idosos como um estudo estreitamente ligado à história cultural e à história da leitura e assim descrevemos no tópico seguinte algumas das trajetórias leitoras vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa.

Memórias e importância das leituras na vida dos idosos

"É contando suas lembranças que o velho reconstrói sua história, dando sentido ao passado, ao presente e ao futuro" (CHERIX, in BARBIERI e BAPTISTA, 2013, p. 149). Corroborando a importância do idoso dar sentido à sua vida ao contar suas lembranças, discutimos nesse artigo, os dados produzidos a respeito das histórias de leitura imbricadas na trajetória vivida de apenas três sujeitos participantes da pesquisa.

Morfeu tem clareza de suas memórias relativas à leitura, revela a leitura de livros mais densos e fala como os personagens marcam também sua vida:

> São muitas. Só que ao longo da vida, vai lendo, o tempo vai passando, vai surgindo novos autores, então a gente... Mas um autor que sempre me recordo é do autor Victor Hugo. Ele tem livros belíssimos. Os Miseráveis. Toda pessoa precisava ler um livro daquele pra saber o que é uma pessoa humana. É uma leitura muita extensa, tem várias fases. Mas é um livro que nunca deixo de ler. De vez em quando, eu leio. Leio também Os Sertões, de Euclides da Cunha. Eu gosto muito de ler que fala aqui do Nordeste, de Antônio Conselheiro. São esses dois que eu sempre... De vez em quando não tenho nada pra ler. Eu pego pra ler, para recordar. Nunca me canso de ler. Os Miseráveis marcou pela trajetória de vida dos personagens. Você tem assim uns trinta anos pra viver e conduzir a vida como ele conduziu. Não é pra todo mundo, realmente. O livro é uma coisa belíssima. É um volume enorme, mas a pessoa nem nota porque de acordo com a trajetória, como ele conduziu a vida dele em prol do próximo, é muito interessante. Eu estou sempre pensando nessas leituras. O Jorge Amado também é um autor nosso, falou aqui de Ilhéus, sobre o cacau, é um autor que também eu sempre recordo (MORFEU, Entrevista 2015).

Esse idoso inicia seu relato dizendo que tem muitas leituras e cita autores reconhecidos como Jorge Amado, Euclides da Cunha e Victor Hugo, que são considerados clássicos da literatura nacional e internacional, respectivamente. Mas o mais significativo é expor que está sempre pensando nessas leituras. Ele também retrata a importância que atribui à leitura no sentido de contribuir para a formação humana.

Morfeu traz uma reflexão mais profunda sobre a importância de recordar as leituras feitas:

> Essas recordações são importantes na medida em que nos fazem pessoas melhores. Que se preocupam com os outros, não pela sua maneira de ser, de se portar, como pessoa humana. Eu acho que essas leituras nos reforçam, nos fazem pensar não somente na gente, não ser egoísta, em viver em prol dos outros, em pensar em ajudar de alguma forma, acho que a gente deve procurar ajudar as pessoas quando precisam de ajuda sem pensar em nosso benefício, e sim no benefício do próximo. Essas leituras me nortearam muito na minha maneira de ser, na minha maneira de pensar, na minha maneira de agir, tudo isso. Então, as leituras que eu fiz durante a vida, eu sou, digamos assim, um reflexo do que eu li, do que assimilei com as leituras. Essas leituras influi muito na formação da pessoa desde quando ela vem, digamos assim, nos ensinando como viver (MORFEU, Entrevista 2015).

Na visão de Morfeu, ele é reflexo do que leu, do que assimilou com as leituras feitas ao longo da sua vida. Para ele, recordar as leituras faz com que a pessoa possa se tornar melhor.

Sobre suas memórias, Apolo diz: "Eu trago recordações porque sempre mexe com a minha vida um pouco. Sabe?" "Esse livro de cordel é... tem "Zé Pretinho", tem "A chegada de Lampião no Inferno", tem "Floriano e Nega", tem outras e outras e outras aí... e de placa de caminhão, tem tantas placas de caminhão, frase de para-choque (APOLO, Entrevista 2015)."

Apesar de Apolo dizer ler pouco, ele destaca: "Do pouco que eu leio, eu não esqueço porque me alegra muito. ...a pessoa que mora só. Eu moro só". Na visão de Apolo, as recordações servem para ocupar o espaço vazio da solidão. Ele traz como principal lembrança a literatura de cordel:

> Trago a recordação da leitura do cordel, porque sempre mexe com a minha vida um pouco, sabe? Porque tudo que eu canto e que eu falo sempre a minha vida tá pelo meio. A leitura do cordel me ajudou, porque é lição de vida, porque a vida é a mesma coisa. Eu tenho coisas gravadas na memória, que eu leio e não esqueço. A leitura de cordel ensina coisa que, às vezes, a pessoa ia fazer e não faz, porque leu aquela ali e aprendeu. Comecei a ler cordel desde quando meu pai começou ler Zé Pretinho e O Abrigo do Dois, sabe, ali eu gravei sem escola sem nada. E aí até hoje eu nunca, nunca esqueci, eu sabia todinho o livro, mas com o tempo, vai esquecendo, mas até o meio eu sei. Gosto de cordel (APOLO, Entrevista 2015).

Ao pensar nas memórias que tem de leitura, Atena declara:

> Um livro que eu li que foi até de um sorteio lá e eu ganhei esse livro, foi um livro de formação. Esse livro foi muito bom porque me ensinou muita coisa. Era um livro de formação, tinha ele até outro dia. Mas eu gostava do livro porque toda vez que eu lia o livro, eu recordava aquela época de quando eu tinha aquelas festas e a gente ia dançar e eu via esse sorteio e eu que ganhei o livro. Foi bom, e o livro era de formação, mas eu não lembro mais o nome do livro. Dava orientação, orientação a adolescente de vários temas (ATENA, Entrevista 2015).

Ao pensar sobre esse livro do qual Atena guarda tamanha recordação, nos perguntamos: que suporte leitor será este? Um livro de autoajuda ou outro gênero? Não dá para saber ao certo, mas não há dúvida da importância que ela atribui a este livro, que considera livro de formação. Para ela, este material de leitura foi um baluarte, um livro que possibilitou reflexões e a ajudou a superar momentos difíceis. Dessa forma, o momento que ela estava vivendo, influenciou para se apegar a esse material de leitura, pois ele, com os ensinamentos que trazia, ajudou a fortalecê-la. Conforme Petit (2009, p. 17) "... a contribuição da leitura para a reconstrução de uma pessoa após uma desilusão amorosa, um luto, uma doença etc. – toda perda que afeta a representação de si mesmo e do sentido da vida – é uma experiência corrente". Ainda, de acordo com a autora, "Haveria um texto subjacente em certas obras que não é verbal, mas rítmico, ou um canto, e é sobre ele que os leitores inseririam suas emoções e suas experiências"(p. 62).

Ao analisar suas memórias de leitura, observa-se que o processo de formação desses leitores ocorreu de diferentes maneiras. De acordo com os relatos, os primeiros contatos com materiais de leitura ocorreram antes da chegada à escola. Alguns disseram que foi por meio de familiares que liam histórias, trechos bíblicos, cordéis.

Os resultados da pesquisa apontam o modo como a formação leitora desses idosos foi construída e como suas vidas foram marcadas por suas memórias de leitura. O passado sendo escutado e resgatado, localizado dentro de um presente por meio da memória.

Referências

BARBIERI, N.; BAPTISTA, C. **Travessias do tempo**: acompanhamento terapêutico e envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

BUÑUEL, L. **Meu último suspiro**. Tradução de André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BURKE, P. **O que é História Cultura?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

DARTON, R. História da Leitura, In BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**; novas perspectivas. São Paulo: EDUNESP, 1989.

GOMES, E. *et al.* **Projeto da Universidade Aberta à terceira Idade**. 1992.

LIMA, E. C. M. M. **Memórias de Leituras de Idosos da UATI/UEFS**: Ressignificando suas Histórias, 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.